

Organização: Instituto de Pesquisa da Diversidade Intercultural

Projeto: Kalivôno Kalihunoe Ike Vó'um

Contexto/local de atuação e grupo(s) atendido (s) pelo projeto (marque mais de um item quando necessário)

- | | | |
|---|---|---|
| <input checked="" type="checkbox"/> Área Rural | <input type="checkbox"/> População em Geral | <input type="checkbox"/> Mulheres |
| <input type="checkbox"/> Semiário | <input checked="" type="checkbox"/> Indígenas | <input type="checkbox"/> Pequenos agricultores |
| <input type="checkbox"/> Região Amazônica | <input type="checkbox"/> Quilombolas | <input type="checkbox"/> Grupos produtivos |
| <input checked="" type="checkbox"/> Aldeia Indígena | <input type="checkbox"/> Ribeirinhos | <input checked="" type="checkbox"/> Educadores |
| <input type="checkbox"/> Contexto urbano | <input type="checkbox"/> Afrodescendentes | <input type="checkbox"/> Necessidades especiais |
| <input type="checkbox"/> Periferia de centros urbanos | <input type="checkbox"/> GLBTT | |

Outro(s) especificar:

BENEFICIÁRIOS

Qual o número total de pessoas beneficiadas direta e indiretamente **pelo projeto** ?

Diretamente: 46 professores indígenas e média 280 crianças da Educação Infantil.

Se for possível, especifique o número de pessoas beneficiadas por categoria e gênero

	Masculino	Feminino
Crianças (0 a 10)		
Adolescentes (11 a 17)		
Jovens (18 a 29)		
Adultos (29 a 65)		
Idosos (+ 65)		

ATIVIDADES (Liste todas atividades realizadas pelo Projeto, que foram viabilizadas com o apoio da **BrazilFoundation**)

Descrição da Atividade

Comentários ou informações adicionais

Oficinas de formação continuada aos educadores indígenas (professores, coordenação, assistentes)	Foram 3 oficinas reunindo todos os educadores com foco na Educação Escolar Indígena, Educação Infantil, ensino intercultural e políticas públicas
Acompanhamento de professores em sala de aula	<i>O número de oficinas envolvendo todos os professores foi reduzido de forma ampliar atendimentos mais individualizados, com acompanhamento das atividades do professor em sala de aula, orientação, planejamento e execução de atividades interculturais.</i>
Desenvolvimento de 21 pequenos projetos culturais	<i>Orientação, monitoramento, reflexão e registro de atividades culturais envolvendo escola e comunidade sob iniciativa e organização dos professores e que, após desenvolvidas, discutidas e adaptadas (quando necessário) passam a compor o livro como proposta de atividade em sala e como registro cultural do povo Terena.</i>
Participação em eventos externos a comunidade indígena	Participação no Atlas Sonoro das Línguas Indígenas Brasileiras - UNB; II Congresso Nacional de Letras UEMS Dourados I Encontro Nacional de Semântica e Análise do Discurso UEMS/Campo Grande Festival América do Sul.
Participação em eventos internos da comunidade indígena	Seminário Questões Indígenas Pilad; Simpósio de Educação Escolar Indígena, Soletrando Aldeia Cachoeirinha; Grande Assembléia do Povo Terena.
Iniciativas que surgiram a partir das ações do projeto	Projeto Cultura e identidade terena – Outra Parada Projeto Sons da Aldeia – Premiado com o Prêmio Cultura Indígena- MINC; Projeto Kalivono - Premiado com o Prêmio Cultura Indígena- MINC;
Prêmios	Prêmio Movimento Acholher – Natura Moção de aplausos da Câmara Municipal de Miranda

Produtos elaborados: material didático, publicações, cds e vídeos etc.
dois livros didáticos para ensino na educação infantil indígena Terena:
Kalivôno Kálihúnoe Ike Vó'um - volumes 1 e 2.

Alcançou o número previsto de beneficiários? O público estava de acordo com o esperado? Se houve evasão especifique o número de pessoas e motivo.

O número de professores estimado compreenderia além dos professores da educação infantil atuantes, os professores das séries iniciais, principalmente do primeiro ano do ensino fundamental, entretanto diante das dificuldades expostas pelos professores da educação infantil quanto a metodologia intercultural optamos por um atendimento mais individualizado possível, envolvendo todos os educadores da educação infantil, não apenas professores como coordenação, direção escolar e assistentes. Assim como reduzimos o número de oficinas e optamos por atendimentos mais individualizados e o desenvolvimento de pequenos projetos culturais onde os professores pudessem aplicar a nova metodologia sob o acompanhamento do projeto, de forma facilitar o entendimento assim como sanar dúvidas e exercitar o planejamento de tais atividades.

Alguma atividade prevista não foi realizada? Qual e por que motivo?

RESULTADOS

O que foi alcançado, considerando os objetivos e indicadores definidos em sua Proposta de Mudança?

Resultado/Indicador

Participação efetiva da comunidade nos projetos culturais;

Utilização da metodologia no cotidiano da escola;

Aplicação da metodologia com os alunos do ensino fundamental e médio;

Interesse dos alunos dos outros níveis de ensino nas ações do projeto, que resultou no projeto Cultura e Identidade Terena (OP) e Sons da aldeia contemplado com o Prêmio Cultura Indígena do Ministério da Cultura.

Alguma atividade realizada não gerou o resultado esperado? Especifique o motivo e que impacto teve no desenvolvimento do projeto.

Fotos e Depoimentos

Insira depoimentos de beneficiários e lideranças que atuam no projeto e, se possível, relatos de conquistas e transformações na vida de beneficiários, que tenham por ventura ocorrido neste período. **As fotos e vídeos devem ser enviados por e-mail .**

<i>Nome e identificação (Beneficiário, equipe do projeto, outros)</i>	<i>Depoimento/ Relatos/ histórias</i>
Ronilda Fonseca – Professora da E.M.I. Pilad Rebuá – Extensão Artemis – Aldeia Moreira	Hoje, eu estou muito contente com a presença da Denise aqui comigo para eu falar um pouco sobre o projeto Kalivono. Aqui, nós nos reunimos, fizemos o primeiro encontro, e eu gostei muito quando foi apresentado esse projeto. Eu amei o projeto porque sempre eu sonhei com esse projeto Kalivono. Na minha experiência na Educação Infantil, eu sempre trabalhei (alguma vez) com as palavras soltas, pensando em resgatar a nossa língua materna já que, aqui na minha comunidade, há poucos falantes e é maior o número dos que são ouvintes. Então, eu me preocupei. Eu vi nas crianças que estão todo dia comigo a facilidade de aprender, de falar, de memorizar. Aí, eu comecei por minha própria conta a fazer essa aula de palavras soltas com elas, como <i>[nome]</i> de animais, frutas. Aí, eu fui falando, eu fui observando a facilidade que eles têm. Quando <i>[você]</i> apresentou esse projeto, foi uma alegria para mim. Amei esse projeto e estou animada [com um sorriso]. Estou pronta para estar nesse projeto. (Transcrição de entrevista)
Josiane de Farias Fonseca – professora da E.M.I. Felipe Antonio – Extensão José Balbino – Aldeia Babaçu	Eu acho importante esse projeto porque aqui, na Babaçu, a maioria das crianças falam mais a Língua Portuguesa. Então, é importante ter uma apostila para eles em língua materna – bilíngue –, para que eles venham a aprender novas palavras. Porque, quando eu comecei aqui, eles não entendiam algumas palavras. Aí, eu tenho em casa uma apostila que foi criada – eu tenho uma para mim. Então, eu aproveito para trabalhar com essa apostila e trago algumas palavras, de três ou duas palavras para trabalhar com eles. É importante essa apostila porque eu mesma não sou falante, mas a gente tendo um livro já fica melhor para trabalhar. (Transcrição de entrevista)
Cleudiane Fonseca Vitor – Professora da E.M.I. Felipe Antonio – Extensão Mãe-Terra – Aldeia Mãe-Terra	Bom, o projeto está sendo muito importante para todas as comunidades indígenas, principalmente nas Extensões, porque muitos não são mais falantes e não dominam mais a língua Terena. Então, com esse projeto, vai ser muito importante porque já vem com todos os materiais, com tudo pronto. Então, esse projeto é uma iniciativa muito boa para a nossa comunidade. (Transcrição de entrevista)
Walquiria Angélica Santos Bitonti – Secretária Municipal de Educação e Cultura	Eu vejo uma boa aceitação, tem uma certa... – não resistência, mas tudo que é novo, tudo que sai da área de conforto, tanto do professor tanto da quanto da comunidade causa um certo impacto. Então, eu acredito que nós vamos galgando aos poucos a inserção desse material. Você, que é

	<p>pesquisadora, e vocês, do Instituto IPEDI, bem sabem que há resistência quanto à língua Terena, que eles trazem, sim, nas raízes, devido à tantas coisas acontecidas. O homem, o Terena, entrou na escola regular. Tem todo um contexto. Então, resgatar a língua Terena neste momento onde, você sabe muito bem que, na Aldeia Lalima, nenhuma criança fala Terena – isso é gravíssimo. Na Escola [Municipal Indígena Polo] Pílad Rebuá, que abrange as aldeias Passarinho e Moreira, não falam Terena. Então, é de grande impacto. Então, quando você traz o resgate de uma língua numa comunidade que não é falante, claro que tem um impacto. E esse impacto não se vê tanto na Cachoeirinha, porque lá tem o falante. Então, esse é um trabalho de formiguinha e junto ao Instituto IPEDI, nós vamos conseguir muitas coisas para as escolas indígenas, falando de Educação Indígena. (Transcrição de entrevista)</p>
<p>Regina Medina – Coordenadora Municipal de Educação Escolar Indígena</p>	<p>Esse trabalho das séries da Educação Infantil nunca foi trabalhado. Isso é uma novidade. E está trazendo um trabalho muito importante porque está trazendo as pessoas, os artesãos, as pessoas mais velhas da nossa comunidade para estar ensinando a culinária, o artesanato e até mesmo contando histórias. Isso também valoriza a nossa cultura. Às vezes, nós deixamos de lado tudo isso e, com isso, a gente está matando a nossa cultura.</p> <p>Eu acho que, dentro das comunidades, eu tenho acompanhado o trabalho do Projeto é um privilégio. E as pessoas da comunidade, tanto de fora quanto de dentro da escola, eles têm comentado muito que isso tem sido algo muito importante, uma coisa nova, que está todo mundo empolgado para fazer o trabalho, tanto pai, mãe, as crianças, os professores, os coordenadores e os diretores também. Eles estão abraçando, abraçando mesmo, esse Projeto. Está todo mundo empolgado para as nossas crianças começarem a falar de novo, através do livro (Transcrição de entrevista)</p>
<p>Rosinha – Ceramista da Aldeia Babaçu</p>	<p>Eu acho melhor, importante para as crianças aprenderem, porque a gente, eu mesma, eu falo assim, eu gosto de dizer assim para os meus filhos, falar assim, sabe: “Meu filho, está na hora de você aprender as coisas porque a gente não permanece sempre”. E é bom a gente aprender uma coisa assim como a gente está aprendendo, fazendo as crianças aprenderem com a gente. Então, isso é importante, das pessoas que já foram, que já partiram, e a gente está aqui para ensinar as crianças a aprenderem mais um pouquinho, porque é importante para a gente não abandonar o que a gente aprendeu desde pequeno. Então, eu acho importante isso, moça.</p> <p>É importante não deixar para trás o que a gente aprendeu com nossas famílias. É muito importante, moça. Mas eu não esperava, eu não esperava. (Transcrição de entrevista)</p>

<p>Sebastiana Souza Santos – Diretora da E.M.I. Pólo Presidente João Figueiredo – Aldeia Lalima</p>	<p>Eu acho muito importante porque aqui, na nossa comunidade, são poucas pessoas que falam. Então, eu acho que foi bem importante para nós, trabalharmos <i>[isso]</i> na escola porque a gente já vai trabalhando isso com os alunos desde a Educação Infantil, primeiro, segundo e terceiro, e eles já vão ter uma noção de saber a fala. E, para nós, é muito importante a valorização da nossa cultura. (Transcrição de entrevista)</p>
<p>Jandira Polidório – Artesã da Aldeia Babaçu</p>	<p>Daqui a pouco, a gente não vai mais enxergar para fazer e não vai mais ter a pessoa que vai fazer. Então, a gente precisa ensinar mesmo essas crianças a fazer para que não venha acabar essa cultura que a gente sempre faz. (Transcrição de entrevista)</p>
<p>Maisa Antônio – Professora da E.M.I. Pólo Coronel Nicolau Horta Barbosa – Aldeia Cachoeirinha</p>	<p>Eu vou ter que voltar em 2005 para retomar essa pergunta porque, em 2005, com a coordenação da professora Maria de Lourdes, muitos pais não conseguiam entender a introdução da língua materna na grade curricular da Educação Infantil e houve muitos pais que não queriam com medo de o filho não aprender a Língua Portuguesa. Mas, focando bem em falar para os pais da necessidade de se fazer a ressignificação da nossa língua, da nossa cultura, como um papel importante para não deixar morrer a nossa cultura e fazer as traduções das palavras da Língua Terena para a Língua Portuguesa, porque não têm no Português. Então, houve uma resistência sim. Em 2013, quando eu entrei novamente na Educação Infantil, mas como concursada, os pais já conheciam o meu trabalho de 2005, então, não teve uma parte de dizer dos pais de que “não ia dar certo”. Então, os pais me incentivaram e, em 2013, na formatura, os pais aceitaram que os nossos alunos fossem formados usando trajes típicos terena, só que houve uma pessoa da cidade de Miranda (Prefeita), que não conhecia, que não tinha lido também no Referencial para ter esse conhecimento de que aquilo é a nossa cultura e isso é garantido por lei. Então, da parte de haver dificuldade em 2013, por parte da minha comunidade não teve, mas sim da Secretaria Municipal <i>[de Educação e Cultura]</i> de Miranda, da prefeita naquela época, que não gostou que meus alunos fossem entrar com traje indígena. Muitos alunos choraram quando viram os pais chorarem. E <i>[emocionada]</i> eu não gosto muito de lembrar dessa época. Mas o que eu coloquei no meu coração e que a gente tem que levar muito adiante é que a Educação Escolar Indígena tem que ser colocada no papel por nós professores indígenas para que os nossos irmãos brancos possam realmente conhecer quem somos nós.</p> <p>Maísa, hoje nós estamos vivendo um novo período. Você coordena junto comigo um projeto que atende todas as escolas indígenas de Miranda. Como é para você estar partilhando essa sua experiência com os outros professores das outras aldeias?</p> <p>Muito feliz porque é um reconhecimento que a Secretaria Municipal <i>[de</i></p>

	<p><i>Educação e Cultura]</i> de Miranda, hoje, está colocando para os professores da Educação Infantil, tanto da Aldeia Lalima, quanto da Aldeia Moreira e da Aldeia Passarinho, que podemos trabalhar em grupo. Fico muito feliz quando vejo professores que já executaram o projeto, que já visitaram os anciões da comunidade, que fizeram realmente acontecer aquele conhecimento para ser vivido pelos alunos na Língua, na cultura. (Transcrição de entrevista)</p>
<p>Andrea Fonseca – Professora da E.M.I. Pilad Rebuá – Aldeia Passarinho</p>	<p>Na minha opinião, esse material será de grande importância porque a busca da revitalização da Língua aqui na aldeia é muito importante porque a gente tem observado há anos que poucos alunos, hoje, se interessam pela Língua Terena. Então, eu acredito que esse trabalho será de grande importância na Educação Infantil para incentivá-las desde pequenas para que elas venham a dar valor na língua Terena, para que elas venham ver a grande importância que essa Língua tem para nós, indígenas, como identidade indígena; que seja importante na prática pedagógica para que a gente possa ajudá-las a revitalizar a Língua, a dar importância nessa Língua, que é a nossa identidade. Eu creio que a busca dessa revitalização e o nosso incentivo, como professores da Educação Infantil, será de grande valia, porque, hoje, nós observamos que pais, na comunidade, estão educando seus filhos, mas não estão também dando valor à Língua. Então, esse livro vai ser importante para nós, professores. E, como professores também, dar valor na língua, porque, hoje, eu acredito que muitos professores não têm – na minha opinião – A minha preocupação começou com as aulas do Normal Médio Indígena, começou essa minha busca da valorização da Língua Terena no Normal Médio. Nós tivemos professores que não eram indígenas..... (Transcrição de entrevista)</p>
<p>Neuza Inara Fonseca – Mãe de aluno – E.M.I. Pilad Rebuá – Aldeia Passarinho</p>	<p>O meu filho é aluno da pré-escola e pode representar o lindo trabalho feito pela profa. Ronilda Fonseca no lançamento desse livro. O meu coração se encheu de orgulho e emoção em participar desse marco para o nosso povo e principalmente para os profissionais envolvidos. Quero agradecer a Deus por esse projeto maravilhoso e a BrazilFoundation e todos os parceiros envolvidos, que com olhar de carinho e profissionalismo puderam lançar essa apostila. Sabemos que a comunidade indígena é um pouco desfavorecida e com pouca oportunidade. E foi através de vocês que os profissionais envolvidos tiveram a oportunidade de mostrar que são capazes sim. Muito obrigada! (Transcrição de entrevista)</p>
<p>Arildo Cebálio – Pai de aluno que participou do Concurso de Desenho para ilustrar o livro. E.M.I. Felipe Antônio - Extensão</p>	<p>Seu Arildo, nós viemos conversar com o senhor sobre o concurso de desenhos que foi realizado nas aldeias. Então, o concurso de desenhos foi realizado no intuito de esses desenhos ilustrarem o novo material didático que vai ser produzido para as crianças da pré-escola. O livro vai</p>

Alexandre Albuquerque – Aldeia Lagoinha.

ser em Terena e em Português para ensinar as crianças sobre a Língua e a cultura Terena – as crianças de quatro anos. O livro vai ser todo ilustrado com desenhos de crianças aqui da comunidade e de outras comunidades. O que o senhor pensa disso, da produção de um material aqui na comunidade, com os professores aqui da comunidade, pensando que seus filhos vão ter acesso a isso... uma tentativa de registro, de valorização da língua, da cultura? Como o senhor avalia isso?

A princípio, quando a professora Lola me convidou para eu ir acompanhar meu filho – aliás, ela disse que ele tinha feito um desenho e que o desenho dele tinha sido escolhido como um dos desenhos melhores – eu fiquei muito feliz porque o meu filho, o Arielber, tem muita dificuldade. Ele tem um problema na pele que é causado por – como é que eu posso dizer – um problema na cabeça. Ele não pode passar nervoso. Então, se ele ficar com raiva, logo já reflete na pele dele. Então, ele até estava contando quando o chamaram para fazer desenho e ele falou “ah, vou fazer um desenho aqui”. Ele fez sem... no dizer dele, ele não estava... E, aí, quando ele viu [*que havia sido escolhido*], ele ficou alegre. Ele ficou muito alegre. Então, eu fiquei muito feliz porque ele se sentiu bem, ele se sentiu valorizado. Eu acho que... Eu, particularmente, cheguei aqui em casa naquele dia bem feliz. Outra coisa: não somente para ele, mas para os outros alunos, que vão ver o trabalho feito lá, essas ilustrações que eles fizeram. Eu tenho certeza de que – para eles – eles vão ter uma atenção maior com esse material, eles vão dar uma atenção melhor, vão cuidar mais porque eles sabem que tem a participação deles ali. É a mesma coisa que a gente pegar – eu mesmo, que trabalho com artesanato, eu faço uma peça lá e dou valor porque fui eu que fiz. Então, eu creio que, da mesma forma, eles vão ver o trabalho deles ali e, mesmo que seja um desenho, eles vão se sentir bem com isso e, para ele [*o meu filho*], foi muito bom, e para mim também, como pai.

Quanto à entrega do certificado, nós ficamos muito em dúvida: vamos fazer a entrega na aldeia da criança, vamos fazer a entrega na escola polo, ou vamos fazer a entrega no momento cívico? Foi uma discussão que nós tivemos por vários dias, pensando em qual seria o melhor momento. Nós, do projeto, tínhamos a intenção de dar visibilidade e reconhecimento ao trabalho. O que o senhor achou de a entrega do certificado ter sido feita no momento cívico, com a presença das autoridades, num sete de setembro, que marca [*não somente*] a Independência do povo brasileiro, mas marca também a luta dos povos indígenas? O senhor gostou de a entrega ter sido feita lá ou o senhor acha que deveria ter sido entregue aqui na comunidade? Como o senhor avalia isso?

Ah, eu também achei muito importante o fato de ter sido feita essa

entrega lá, e no momento que foi, na ocasião que foi, nesse momento cívico, dia sete de setembro, porque é um dia em que todo o país está comemorando essa data. E o indígena com o não indígena, todo mundo sabe que tem ou acontecem essas divergências, mas não é o nosso caso aqui. Mas de ele ter ido lá, e os outros também virem as crianças [indígenas] pintadas, a caráter. Isso é importante para as pessoas da cidade também virem que a gente está ali, está junto, está interessado, está querendo aprender e querendo se envolver com a história... estamos juntos, somos parte do mesmo país. Então, isso é muito importante. Foi muito sábia essa ideia de levar para lá.

O senhor teria mais alguma coisa para falar?

Só agradecer. Agradecer a iniciativa de vocês, que continuem sempre buscando essas coisas que venham valorizar os nossos alunos porque é importante para eles, porque eles vão ser o nosso futuro. Eu creio que, lá na frente, eles vão olhar isso aí, vão ver isso aí e, quando eles estiverem mais adultos, vão poder contar o que aconteceu. Então, parabéns. Obrigado. (Transcrição de entrevista)